

# O COMPROMISSO DA ANTROPOLOGIA COM ESTE (E NÃO COM OUTRO) MUNDO

João Carlos Louçã<sup>1</sup>

*A gente não temos que achar que somos pequenos.  
Somos grandes, sim!  
Enquanto eu vou plantar minha verdura,  
sei que não estou acompanhando o sistema,  
que ele não domina minha vida, que tenho a minha própria vida,  
minha própria existência.*

*Cleomar Ribeiro da Rocha<sup>2</sup>*

Em julho de 2021, ao mesmo tempo que a pandemia de Covid-19 fazia ainda vítimas e mobilizava enormes quantidades de recursos na tentativa do seu controlo, assistimos a uma inédita corrida ao espaço com alguns dos bilionários do mundo a disputarem quem seria o primeiro a estar em órbita na fotografia de fato espacial sem gravidade terrestre. Na ocasião, foi Richard Branson, o patrão do grupo Virgin, que exibiu o sorriso de ganhador e o primeiro homem de negócios a franquear as fronteiras do planeta e a poder apreciar a paisagem a partir do espaço.

Na verdade, este foi só mais um episódio de uma disputa que dura já há vários anos e onde intervêm de forma constante outros concorrentes que no mesmo mês de julho, também se lançaram para fora do planeta Terra. Jeff Bezos da Amazon e Elon Musk CEO da Tesla são protagonistas principais desta história e têm colocado centenas de satélites em órbita para os seus projetos de colonização do espaço. A partir dos impérios financeiros que dirigem, estes homens não escondem os seus propósitos de que, a curto prazo, outros planetas do sistema solar se tornem oportunidades de negócio onde as terrenas limitações não se coloquem. Chamam-se a si mesmo “visionários de futuro” e desenvolvem projetos onde esperam transferir os custos do desenvolvimento tecnológico e industrial para o espaço como se a preservação ambiental da Terra assim pudesse ser assegurada. Contraditoriamente, apostam na eminência do desastre que dificulte a vida no planeta-mãe e, asseguram, estar a preparar as condições do êxodo para a sobrevivência da espécie, noutros pontos da galáxia.

Tantas são as questões que se poderão a partir daqui levantar que seria fastidioso a sua simples enumeração. Magníficas umas e assustadoras outras. A ficção científica a tornar-se realidade

---

<sup>1</sup> Antropólogo, membro do Observatório das Condições de Vida e Trabalho da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e da Red(e) Iberoamericana Resistencia y/e Memória (RIARM).

<sup>2</sup> Entrevistada em abril de 2019, o relato de vida de Cleomar Ribeiro da Rocha, mulher quilombola a viver num assentamento, juntamente com outros de mulheres militantes do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, integra a obra de Paula Godinho: *Entre o Impossível e o Necessário – Esperança e rebeldia nos trajetos de Mulheres Sem-Terra do Ceará*. 2020. São Paulo: Expressão Popular.

perante o espanto e impotência que nos provoca. O capitalismo predador a ganhar novas fronteiras e sentidos perante a vida humana e as realidades sociais que esta engendra.

Kimberley D. McKinson (2021), antropóloga da Universidade da Cidade de Nova Iorque, investigou um destes aspectos que se relaciona com as questões de soberania desta colonização que, mais que anunciada, deu já os primeiros passos. Visível através da SpaceX, empresa fundada em 2002 por Elon Musk, holding que se tem dedicado a preparar a colonização de Marte na pública insistência do seu fundador de que a única via para assegurar a sobrevivência da civilização humana é torná-la em espécie multi-planetária. Tornar a vida em Marte possível com a alteração do seu meio ambiente é objetivo declarado de Musk, da sua SpaceX e da Starlink, empresa-filial da primeira, para o fornecimento de internet a partir do espaço e que pode já ser contratada para os mais apressados garantirem o acesso às redes digitais num futuro galáctico. No ponto 10 do [contrato](#) de pré-encomenda sugerido para os utilizadores dos EUA:

Para os serviços fornecidos em Marte ou a caminho de Marte via Starship ou outras naves espaciais, as partes reconhecem Marte como um planeta livre onde nenhum governo da Terra tem autoridade ou soberania sobre as suas atividades. Em consequência, as disputas serão resolvidas através dos princípios de auto-governo, estabelecidos em boa fé, no momento da colonização de Marte (minha tradução).

McKinson, antropóloga afro-jamaicana que tem estudado as consequências da colonização nos quotidianos atuais da Jamaica, traça as linhas de convergência entre um colonialismo terreno que aplicou aos povos colonizados a violência e às suas terras as regras próprias dos conquistadores, com a intenção de submeter o espaço sideral a uma soberania das corporações, livre da jurisdição e controlo político que conhecemos na Terra. A colonização de Marte, pode ser afinal um episódio modernizado e tecnologizado do colonialismo de sempre, a acumulação primitiva de capital 5.0, aparentemente sem populações autóctones para submeter, mas onde a força de trabalho estará, em qualquer dos casos, garantida pelos colonos que se deixarão seduzir pela ideia de um futuro assegurado nos territórios por desbravar.

Da Rússia, dos círculos próximos de Putin nos negócios de armamento, surgiu outra iniciativa em 2016, aparentemente inesperada: Asgardia é uma “nação espacial”, que se pode integrar comprando pela internet a respetiva cidadania que garantirá a residência sideral num futuro próximo. “Nação espacial/Nação digital”, dedicada a tornar possível o primeiro nascimento de um ser humano no espaço, tem um governo com oito ministros e um parlamento com 150 membros. Na sua página online podemos ver-lhes as caras e os currículos repletos de PhD's realizados em prestigiadas universidades e centros de investigação. Segundo a informação reproduzida nos seus meios de divulgação, Asgardia tem moeda própria e um calendário inventado, uma constituição e eleições

para a sua estrutura governativa, espera ainda o reconhecimento formal da ONU e pretende um colaboração estreita com as iniciativas empresariais de Elon Musk e Jeff Bezos.

O delírio desta modernidade conservadora, revela-nos provavelmente bastante mais daquilo que são as condições do capitalismo tardio na Terra do que será o futuro da exploração espacial. Incapazes de um compromisso com as terrenas condições de vida, com a dignidade do trabalho e dos seus trabalhadores, com o pagamento dos impostos devidos pelos seus lucros colossais,<sup>3</sup> com a preservação ambiental e da bio-diversidade essencial para a continuidade das espécies, nomeadamente a humana, os CEO's destas enormes empresas dão um enorme salto no escuro através da intenção de conquistar mercados nos outros planetas do sistema solar.

Será talvez o momento de perguntar como é que esta estranha história se pode relacionar com o tema deste dossier. O que terá a Antropologia marxista que ver com o fetiche espacial de um punhado de homens ricos e poderosos? Como poderá a Antropologia, a partir do seu compromisso de implicação com a realidade, contribuir para dar sentido às desordens do mundo? A resposta a estas questões é improvável que seja simples, única, ou sequer convincente. O mais certo é provocar mais perguntas, dúvidas que nos vão alimentar a curiosidade e a vontade de prosseguir caminhos mesmo que não se vislumbrem sequer conclusões. Não terá sido Marx muito mais capaz de entender as condições do capitalismo e do seu domínio no mundo desenvolvido dos séculos XVIII e XIX, do que prever as formas do futuro para a humanidade que esperava que dele se libertasse? Com os dois pés assentes na História, a Antropologia terá de olhar para as visões de futuro que se disputam no aqui e agora. Mais que visões, tratam-se de projetos que se enfrentam nas eternas divisões de classe, no fosso que se aprofunda entre os 99% da população e a restante que acumula riqueza. Nos quase dois anos de pandemia de Covid-19 este fosso alargou-se com a enorme maioria das populações a sofrerem os efeitos da crise enquanto personagens como Jeff Bezos, Elon Musk, Richard Branson, entre outros, enriqueciam direta ou indiretamente com ela.

As crises são saudáveis para o capital, são o sabíamos. São oportunidades de negócios rápidos quando o controlo público está fragilizado e as disrupções sociais abrem caminho a monopólios sem escrúpulos e à exploração facilitada do trabalho alheio. No tempo pandémico que ainda vivemos, à frente dos nossos olhos, os interesses da indústria por cima da saúde pública, evidenciados nas patentes dos laboratórios privados que controlam produção e distribuição de vacinas, no enorme esforço de milhares de pessoas da ciência, em muitos centros de investigação públicos e também privados, refém da indústria farmacêutica e dos seus benefícios. O vírus continuará a circular, talvez em mutações que tornem ineficazes as vacinas existentes, mas o dinheiro também e, afinal, é isso

---

<sup>3</sup> Segundo o [Financial Times](#) de 6 de outubro de 2021, a Amazon que conseguiu a proeza de pagar 0\$ em impostos federais, bateu este ano todos os recordes em incentivos fiscais nos EUA.

que mais conta para o mundo que conhecemos.

O desenvolvimento incessante das forças produtivas é o caminho para a sua própria destruição, previu Marx. Capitalismo ou a barbárie, sintetizou Rosa Luxemburgo, na Europa das guerras mundiais do século passado. O capitalismo não tem estratégia de futuro para além da sua própria continuidade em crescimento orgiástico. A expropriação da terra, do trabalho, das vidas, da biodiversidade do planeta, é um mecanismo sem retorno ou racionalidade. O Antropoceno é o Capitaloceno, nova era geológica que nos aproxima da extinção enquanto espécie e cuja responsabilidade não pode ser partilhada de igual maneira pelo patrão da SpaceX e por um pequeno agricultor latino-americano ou asiático. A única hipótese é uma ruptura revolucionária que só pode ser protagonizada pelo proletariado (nos termos de Marx), pelas pessoas que vivem do seu trabalho (para melhor nos entendermos). E essa é ainda uma hipótese em aberto, sem confirmação definitiva ou caminho assegurado. Nas rupturas que aconteceram já e que inauguraram tempos diferentes, o capitalismo soube sempre retornar, após pausas mais ou menos prolongadas, depois de tempos magníficos em que o trabalho não significou exploração nem a origem de classe determinou o lugar na sociedade: o tempo inaugural dos 72 dias de Paris e da sua Comuna, que entusiasmou Marx; as revoluções derrotadas na Andaluzia, Astúrias ou Alemanha; a Rússia dos soviets e Cuba cujo futuro começou na Sierra Maestra; França, Itália e Jugoslávia após a libertação de 1945; Portugal da revolução dos cravos de 1974/75; os países africanos que lutaram e venceram o colonialismo; Espanha que celebrou a morte do ditador. Foram momentos de entusiasmo revolucionário que a história registou e a antropologia pode ainda inquirir nas consequências para a vida social e nas memórias de quem não esquece nem desiste. Afinal as derrotas são sobretudo fonte inesgotável de conhecimento e energia para todos os recomeços, para manter intacta a esperança e para que projetos de futuro sobrevivam na adversidade (Saïd 2013).

Há poucos anos atrás, em trabalho de campo nos Pireneus de Aragão, conheci um homem, um espanhol que vivia em Chiapas. Nessa ocasião explicou-me que nos últimos 11 anos trabalhou como motorista, técnico de som e produtor de eventos do EZLN. Quando lhe disse que era antropólogo e o que por ali andava a fazer, reagiu com as seguintes palavras: “Miedo y terror!”. Depois explicou-me que nas comunidades zapatistas do México, assim como noutras regiões da América Latina, frequentemente há antropólogos ao serviço do imperialismo e de interesses económicos que significam, quase sempre, a destruição ou desagregação dessas comunidades. O conhecimento etnográfico pode então estar ao serviço de projetos de extermínio, de apropriação de terras, do extrativismo de conhecimentos e recursos de comunidades que estariam bem melhor se continuassem a ser ignoradas pela Antropologia. Nada de novo na história conturbada de uma disciplina, em larga medida impulsionada pelo colonialismo e pela ideia de que há povos superiores

e povos a submeter, culturas universais e culturas primitivas, raças que representam plenamente a humanidade no seu génio e outras distantes de o poderem fazer. Mas essa origem, comum a outros campos científicos, se deixou marcas e seguidores, foi em alguma media ultrapassada. Mesmo que o medo e terror ainda se possam associar ao trabalho dos antropólogos no terreno quando estes aceitam que o conhecimento que produzem seja utilizado para impôr fundamentos da modernidade através de políticas de devastação, a Antropologia é hoje muito mais sobre nós mesmos que sobre o Outro. Maurice Godelier, o antropólogo atento às estruturas económicas e aos seus significados profundos, já nos alertou que mesmo que não tenha disso consciência «o antropólogo fala tanto da sua própria sociedade como daquela que estuda quando evidencia as suas “diferenças”» (Godelier, 1976: 11). E se é sobre nós enquanto espécie que, para o bem e para o mal, partilhamos o tempo e o espaço, as história(s) que nos impelem inevitavelmente para um mundo e um futuro comuns (Garcês 2013), então a Antropologia só pode ser um compromisso com a felicidade e a igualdade, com a emancipação absoluta e o respeito por todas as pessoas assim como pelo planeta que herdámos. Implicada com o mundo dos homens e das mulheres que não precisam de viagens espaciais para alimentar os seus sonhos, a Antropologia deve a Marx (nem sempre aos marxistas) a sua enorme curiosidade pelas sociedades anteriores ao capitalismo que, na sua atenção aos trabalhos de Morgan, usou para entender o mundo muito além da hegemonia burguesa que então se alastrava. Devemos a Marx a capacidade de se corrigir e de aprender sempre, até ao final da sua vida, quando na correspondência de 1883 com a militante revolucionária russa Vera Zasulich, reconhecia, através dos exemplos das comunas agrárias russas, que afinal talvez fosse dispensável o desenvolvimento das forças produtivas no quadro do capitalismo para estas poderem integrar de corpo inteiro o projeto revolucionário emancipador (Musto, 2020). Deve a Antropologia a Marx e a Engels, a Gramsci, a Luxemburgo, a Benjamin e a tantos outros, a análise histórica como método permanente de pensamento e análise das realidades sociais, o pensamento crítico indispensável à racionalidade humana, a humanidade concebida radical e igualmente partilhada por todas as pessoas.

A Antropologia só se pode implicar perante os seus objetos sempre que estes representam o esforço e a capacidade de homens e mulheres para melhorarem as suas vidas, de cada vez que a cultura é um instrumento de partilha do sensível e emancipação face às injustiças. Distância e neutralidade são sempre sinónimos de alheamento e indiferença, logo de uma ciência incapaz de contribuir para o futuro que existe agora e de que somos todos co-responsáveis. David Graeber que, como sabemos, era, muito mais anarquista que marxista, a propósito de Marshall Sahlins, refere a principal tradição da Antropologia: que sugere chamar de «Antropologia da Libertação» (Graeber, 2017: xi.): «a do ativista intelectual comprometido com os movimentos sociais, ao mesmo tempo cujos escritos antropológicos mais importantes politicamente que nunca porque pretendiam ter impacto no entendimento popular das possibilidades sociais, domésticas, políticas e económicas» (idem: x,

minha tradução)

Numa obra recente onde recolheu relatos de vida entre mulheres do Ceará, militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Paula Godinho assume o compromisso da coimplicação enquanto antropóloga demarcando linhas de pesquisa que a associam, invariavelmente, com os temas e as pessoas que são o centro das suas investigações. Mas essa tradição, à qual Marx não será nada alheio, enfrenta outras que, no mesmo campo disciplinar, se afirmam de forma diferenciada: “Embora os arautos do pós-modernismo considerassem que o desígnio era mudar a escrita antropológica para conferir maior sensibilidade política à disciplina, trata-se sobretudo de recuperar a dimensão do político e de (des)imperializar as ciências sociais e humanas” (Godinho, 2020; 20). Na luta dos e das trabalhadoras sem terra do Brasil na actualidade, às lutas pela reforma agrária em Portugal na efervescente revolucionária a partir de 1974, a antropóloga trabalhou sempre a partir de um ponto onde a neutralidade era não só impossível como indesejada. A empatia e o compromisso com um mundo mais justo são condições fundamentais para quem se debruça sobre movimentos sociais que percorrem os caminhos da resistência ao neoliberalismo e procuram alternativas concretas e imediatas ao capitalismo.

“Sentipensando”, é como Raúl Contreras Román prefere equacionar a articulação da prática com projetos, dos sonhos com os pés na terra e das utopias que se constroem no presente - principal incentivo da Antropologia que pratica. Na conjugação dos dois termos está a explicação evidente: sentidos e pensamento num único movimento, a razão e a emoção como esferas simultâneas, complementares e inseparáveis da atividade humana (Damásio 2011). A inutilidade de um sem o outro no que tornaria a atividade de pesquisa uma evidente futilidade. Novamente implicação a partir dos sentidos que não se dispensam para construir a Antropologia que conta, aquela que remete para um compromisso com o real. Nos projetos de recampezinação que estudou, a partir dos movimentos sociais que neles intervêm, o antropólogo da UNAM olha para a História e para os seus resultados projectados na actualidade, mas não deixa de antever as possibilidades futuras a partir das práticas e referentes pedagógicos que se revelam perante a sua investigação (Contreras Román, 2021). No mundo globalizado onde a agricultura intensiva se constitui em mais uma ameaça a formas de vida e ao equilíbrio do planeta, a resistência indígena das populações que lutam há séculos contra o extermínio colonial, são exemplo maior de que por mais adversas que possam ser as circunstâncias, a vida encontra sempre formas de prosseguir.

Na cerca de arame que se corta para a ocupação da terra onde se experimentam relações livres do capitalismo e do patriarcado, na exigência de um democracia ampla e sem exclusões, na relação produtiva que entende os recursos naturais como dádiva a preservar para as próximas gerações, no

trabalho entendido não como atividade alienada mas como meio para construir em sociedade as condições de existência e reprodução, em todos os momentos em que homens e mulheres lutaram e lutam por melhores condições de vida, Marx não deixou de estar presente<sup>4</sup>. Estrondosa ou subtil a sua influência não é certamente um pormenor na Antropologia de hoje e de ontem. Como não o é para as condições de vida do aqui e do agora, dos homens e das mulheres, pessoas concretas que lutam e vivem no planeta Terra e que antes da colonização do espaço sabem bem que é preciso romper de vez com os laços coloniais na Terra.

---

<sup>4</sup> No final de setembro de 2021, o Partido Popular espanhol realizou uma convenção nacional onde pontuaram polémicas presenças como a de José María Aznar, Mario Vargas Llosa e Nicolás Sarcozy (este último algumas horas antes de ser condenado novamente pela justiça francesa por financiamento ilegal). Nela, o antigo chefe de governo espanhol, criticou o Papa Francisco e Lopez Obrador que dias antes tinham protagonizado um momento de reconhecimento público dos efeitos nefastos do colonialismo, afirmando que o novo comunismo na América Latina é o indigenismo. O homem que dirigiu um governo de Espanha de que a maioria dos ministros está hoje condenada ou implicada em casos de corrupção, vive assombrado pelas ameaças que reconhece iminentes: antes os comunistas, agora as populações indígenas que lutam pelo direito à terra e pelo reconhecimento da sua cultura. Talvez não se engane completamente.

## Bibliografia

António Damásio, 2011. *O Erro de Descartes – Emoção Razão e Cérebro Humano*. Lisboa: Círculo de Leitores

David Graeber, 2017. “Foreword to the Routledge Classics Edition” em *Stone Age Economics*. New York: Routledge. Ix-xxvi

Edward W. Saïd. 2013. *Reflexiones sobre el exilio*. Barcelona: Debolsillo.

Garcés, Marina. 2013. *Un mundo común*. Barcelona: Editions Bellaterra.

Paula Godinho, 2020. *Entre o Impossível e o Necessário – Esperança e rebeldia nos trajetos de Mulheres Sem-Terra do Ceará*. São Paulo: Expressão Popular.

Paula Godinho, 2019. “QUANDO OS SUJEITOS PESAM MAIS DO QUE OS OBJECTOS: POLÍTICAS DE MEMÓRIA, PROCESSO REVOLUCIONÁRIO E CO-IMPLICAÇÃO” em *Insistir con la esperanza : el compromiso social y político del intelectual*. Coordinación general de Pablo Pozzi y Paula Godinho. Buenos Aires: CLACSO.

Marcello Musto, 2020. *Os últimos anos de Marx – uma biografia intelectual*. Lisboa: Parsifal.

Maurice Godelier, 1976. *Antropología y economía*. Barcelona: Anagrama

Raúl H. Contreras Román, 2021. “CON LOS PIES EN LA TIERRA: POR UNA RECAMPESINIZACIÓN DE LA UTOPIA” em *Quando a História Acelera. Resistência, Movimentos Sociais e o Lugar do Futuro*. Org. Paula Godinho e João Carlos Louçã, Instituto de História Contemporânea, NOVA FCSH. <https://doi.org/10.34619/jcwq-hr49>

Kimberley D. McKinson, 21 de setembro 2021. *Lessons From Mars—and Jamaica on Sovereignty*

<https://www.sapiens.org/culture/accompong/>



